



TEATRO BRINQUEDO
 JOÃO SINHO ANDA pra TRÁS
 DE BRASÍLIA PARA O RECIFE
 TIO JUCA
 Nos intervalos de cada espetáculo, TIO JUCA está divertindo as crianças do Recife, com um mundo de atrações: BRINDES! SORTEIOS! CONCURSOS!

TEATRO SANTA ISABEL
 Setembro de 1957

ALFREDO DE OLIVEIRA apresenta **O MEDROSO**
 peça em 3 atos, original de Gracya Mello, com diálogos de Miroel Silveira pelo

TEATRO PARA CRIANÇAS NO RECIFE – 60 Anos de História no Século XX

Leidson Ferraz

ela de Belém
 SA HASBUM
 classe
 0-1.º andar

BIGU
 DE MARILU ALVAREZ
 DIREÇÃO: JOSÉ MA
 TEATRO DE SANTA ISABEL
 gráfica Penafra
 APOIO: MINISTÉRIO DA CULTURA - INSTITUTO NACIONAL DE

Teatro MARROCOS
 ÚLTIMA SEMANA
 Companhia Internacional de Marionetas HOJE
 às 20,30, Soirée
 Vespertal às 16 hs.
 VERDADEIRA CONSAGRAÇÃO INTERNACIONAL
 MAIS ORIGINAL ESPETÁCULO DE CRIANÇAS DO MUNDO !!!
 QUINTAS E SÁBADOS VESPERTAIS ÀS 16 HORAS
 AOS DOMINGOS
 VESPERTAL ÀS 16 HORAS

TEATRO PARA CRIANÇAS NO RECIFE – 60 Anos de História no Século XX

Leidson Ferraz

Incentivo:

 FUNCULTURA

 FUNDARPE
FUNDAÇÃO DO PATRIMÔNIO
HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE
PERNAMBUCO

Secretaria de
Cultura



PERNAMBUCO
GOVERNO DO ESTADO



Este trabalho tem a pretensão de salvar de uma certa morte parte da história teatral para crianças no Recife, reunindo momentos lúdicos, intensos, belos, equivocados, dramáticos e corajosos de tantas vidas. A começar daqueles que deixaram rastros de uma memória mínima, colhida em matérias de jornal ou raros programas de espetáculos. Por simplesmente terem tentado fazer algo com imaginação, coragem, respeito e amor à infância, ainda que alguns nem expressem tanto em suas produções, meu desejo é que nas linhas desta pesquisa continuem a existir ou simplesmente resistir ao esquecimento.

Recife, dezembro de 2013.



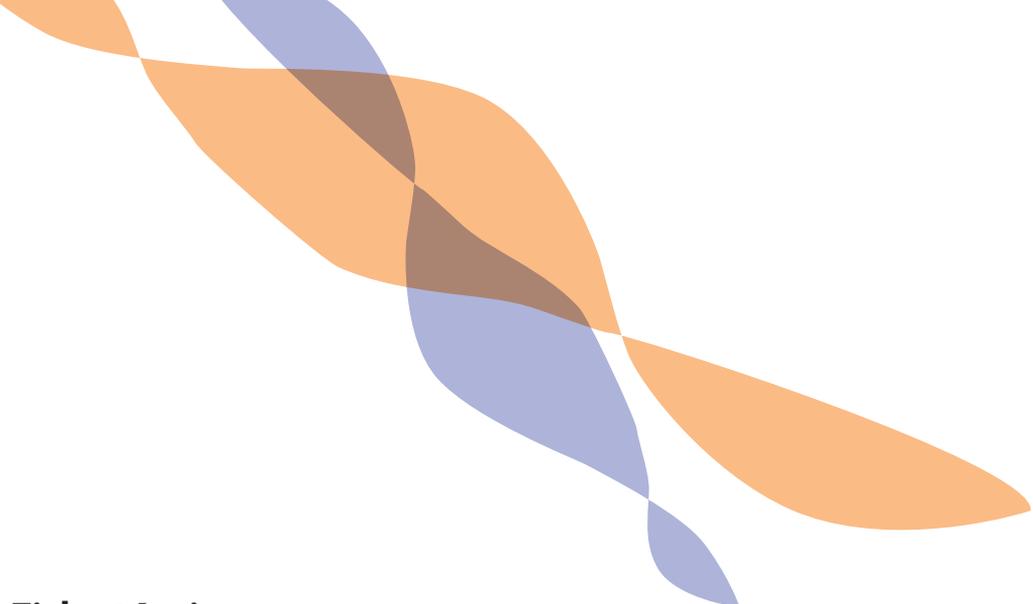


Agradeço aos que fazem o Funcultura, Arquivo Público Estadual de Pernambuco e a todos os artistas que me ajudaram com informações ou material de seus acervos. Dedico esta pesquisa a minha mãe, Luzinete de Castro Ferraz, que cultivou minha infância com tamanho zelo, e, em memória, a alguns amigos do teatro que estariam bem felizes com a conclusão de tamanha empreitada, Marco Camarotti, Luiz Souza, Carlos Salles e Bobby Mergulhão.

Leidson Ferraz

Ator, jornalista e pesquisador teatral





Ficha técnica

Texto, pesquisa, organização, edição e proponente cultural

Leidson Ferraz

Assistentes de pesquisa

Denni Sales

Elivânia Araújo

Mônica Maria

Revisão

Leidson Ferraz

Rodrigo Dourado

Projeto gráfico e diagramação

Claudio Lira

Coordenação administrativa

Laurecília Ferraz

Nenhuma matéria jornalística está aqui reproduzida na íntegra, tendo todas as suas fontes, sem exceção, devidamente registradas, como respeito ao direito autoral das mesmas.

Este material é totalmente gratuito, não sendo permitida sua comercialização.

Contato: leidson.ferraz@gmail.com





1939

O

bservando raríssimas fotos da plateia do Teatro de Santa Isabel publicadas nos jornais das primeiras décadas do século XX, é possível ver crianças em meio aos adultos.

Elas estavam ali acompanhando parentes nas sessões de óperas, balés, recitais de música, festivais de arte de instituições de ensino, vesperais para moças ou mesmo espetáculos de teatro voltados para maiores de idade. Isto porque, até 1939, nenhuma peça específica para crianças ainda havia sido apresentada na mais importante casa de espetáculos da capital pernambucana. Foi o médico, jornalista, músico e teatrólogo Valdemar de Oliveira quem mudou esta situação assim que assumiu a direção do Teatro de Santa Isabel em substituição ao também teatrólogo Samuel Campelo, falecido a 10 de janeiro daquele ano.

Os dois artistas integravam o Grupo Gente Nossa, o mais atuante conjunto teatral pernambucano daquele momento, em atividade semiprofissional desde 1931, com repertório voltado, até então, ao público adulto. A proposta da equipe era valorizar a dramaturgia brasileira – quando obras importadas estavam tão em voga no nosso país – e, principalmente, a nordestina, com

montagens de operetas, burletas, alguns dramas e especialmente comédias, algumas musicadas, em intensa circulação pelos mais distintos palcos. Samuel Campelo fundou o Grupo Gente Nossa junto a Elpídio Câmara e tinha em Valdemar de Oliveira seu principal parceiro, tanto que este assumiu a direção geral da equipe após sua morte. Já o cargo de direção do Teatro de Santa Isabel foi oferecido a Valdemar de Oliveira pelo prefeito do Recife, Novaes Filho, com a aprovação do interventor federal no Estado, Agamemnon Magalhães, ambos comprometendo-se a ajudar financeiramente os projetos ali desenvolvidos.

Desde 1934, em coluna assinada no *Jornal do Commercio*, Valdemar de Oliveira reclamava que o teatro para crianças deveria existir no Brasil com um grupo dedicado a este gênero especificamente, seguindo exemplo de países como Rússia, França e Argentina. Cinco anos depois, no Recife, teatro infantil ainda era sinônimo de peças curtas interpretadas por crianças nas escolas ou nos cineteatros dos subúrbios, quando exibiam-se garotas e garotos prodígios que cantavam, dançavam ou interpretavam textos curtos, além de um ou outro artista da dança, do humor, da música, do circo ou do esporte em números variados, assim como acontecia



Valdemar de Oliveira

nos programas comemorativos de rádios ou festivais de arte dos educandários que ocupavam o Teatro de Santa Isabel. A ideia de promover nesta luxuosa casa de espetáculos teatro com dramaturgia específica para a “petizada”, como se falava na época, nasceu para Valdemar de Oliveira assim que viu os dois filhos, Reinaldo e Fernando de Oliveira, brincando de “interpretar”, logo após uma sessão de cinema.

Mandei, certo domingo, meus filhos a uma matinée cinematográfica, no “Moderno”, do Recife. No dia seguinte, um deles empunhou uma faca para o outro e andaram em correrias desabaladas, dando tiros... de boca, pelo quintal. Um era “sheriff”, outro o bandido... Nesse dia, decidi-me a empreender espetáculos para crianças no Recife.

Foi o que escreveu à imprensa (segundo documento pertencente ao acervo do Teatro de Amadores de Pernambuco, sem indicação de jornal ou data e apenas com o título “O teatro infantil, no Recife”), lembrando ainda a falta de divertimentos educativos nas poucas distrações oferecidas à infância na cidade. Na realidade, através do Grupo Gente Nossa, Valdemar pôs em prática algo que já vinha divulgando no *Jornal do Commercio*, o teatro para e com crianças, ideia da educadora Juanita Machado, que

em 1936 tentou (e parece, sem sucesso) criar o Theatro Infantil no Recife, de caráter essencialmente pedagógico, seguindo os passos do Theatro da Criança, ação dos professores Vera Grabinska e Pierre Michailowsky desde 1935, no Rio de Janeiro, com apresentações de textos curtos, recitais de poesias, pianistas, cantores e coreografias em atos variados desempenhados por meninos e meninas.

Num sábado à noite, 4 de março de 1939, o Grupo Gente Nossa reiniciou suas funções no Teatro de Santa Isabel com a estreia da comédia-canção adulta *Onde Estás, Felicidade?*, de Luiz Iglesias, graças ao incentivo financeiro da municipalidade e do Estado. Valdemar de Oliveira ficou à frente da administração. **No elenco, os atores Alzira de Oliveira, Aucélia de Sousa, Elpidio Câmara, Lourdes Monteiro, Barreto Júnior, Oswaldo Barreto, Luís Carneiro, Tancredo Seabra, Alfredo de Oliveira, Lenita Lopes e Luiza de Oliveira. A direção artística foi assumida por Filgueira Filho, tendo como ponto – uma função importantíssima para o teatro da época, que “soprava” as falas para os atores de uma caixa no proscênio do palco – Alberico Cavalcanti (conhecido como Coleguinha); e Caldas Araújo, o contrarregra.** Exatamente na manhã seguinte Valdemar de Oliveira deu início ao projeto que finalmente abriu espaço para a diversão teatral da criançada naquele palco, com um espetáculo completo na 1ª Grande Matinal Infantil do Grupo Gente Nossa.

A peça escolhida foi *Branca de Neve e os 7 Anões*, adaptação do tradicional conto por Coelho de Almeida, sob direção de Augusto Almeida, com elenco do Gremio Scenico Espinheirense (que no ano seguinte se intitularia Grupo). A montagem já havia sido apresentada em teatrinho próprio deste conjunto, armado no quintal da casa do diretor Augusto Almeida, com reunião da “melhor sociedade do bairro do Espinheiro em tórno da ideia do amadorismo teatral”, segundo o *Jornal do Commercio*

(12 de janeiro de 1941). A sessão no Teatro de Santa Isabel se deu no domingo, 5 de março de 1939, a partir das 10 horas. No elenco, Theresinha Fonseca (Branca de Neve), Antônio Carlos Almeida (Príncipe), Theresinha Ferreira (Rainha), Maria Isabel Martins (Aia), Geraldo Martins (Caçador), Zezé Oliveira (Mestre), Nazareth Oliveira (Feliz), Augusto F. Almeida (Somneca), Albertina F. Almeida (Atchim), Geraldo Carvalho (Zangado), Leísa Almeida (Dengoso), Marcos Almeida (Dunga) e Themira Oliveira (Feitiçeira). Todas as crianças em cena, dos quatro aos doze anos, eram artistas iniciantes, mas profissionais importantes compuseram a ficha técnica, como Mário Nunes e Álvaro Amorim, pintores já famosos que assinaram os cenários; e Antônio Paurilio, da P.R.A.-8, a Rádio Clube de Pernambuco, que dirigiu a orquestra, tocando no fosso do teatro.

Seguindo-se à peça, foi apresentado um ato variado com os cantores adolescentes Iracema Diniz e Rômulo Paiva, do Programa Juvenil da P.R.A.-8; além de números do humorista Salomão Absalão, do grupo Boca de Forno e da dupla The Black Boys. Dois detalhes curiosos foram a instalação de um microfone no palco, para o público ouvir os pequeninos artistas, e a distribuição gratuita de leite pasteurizado aos “pimpolhos” da plateia. A verdade é que, até aquele momento, as crianças desfrutavam de poucas opções de diversão cultural no Recife. Nos cinemas, por exemplo, eram raras as sessões dedicadas ao público mirim (Valdemar chegou a afirmar, segundo documento pertencente ao acervo do Teatro de Amadores de Pernambuco, sem indicação de jornal ou data e apenas com o título “Teatro Infantil”, que os programas cinematográficos destinados aos meninos, em vez de educar, faziam o contrário). Um dos poucos a promover matinês dominicais já há algum tempo, com filmes de censura livre, mas não voltados especificamente às crianças, era o Cine-Moderno, que anunciou,



para aquele mesmo dia e horário da peça, *Jim das Selvas*, com Grant Withers e Betty Jane Rhodes, seguido do faroeste *Tenacidade*, com o querido cowboy John Wayne. Ou seja, concorrentes fortíssimos.

Para piorar, aquele era um feriado local prolongado, com a segunda-feira sendo dedicada a Revolução Pernambucana de 1817, portanto, pais e filhos já poderiam ter-se dirigido às praias. Mas a ideia deu certo. E provavelmente até mesmo Valdemar de Oliveira deve ter se surpreendido com a resposta de público, que lotou o Teatro de Santa Isabel até a torrinha, consagrando sua proposta de oferecer, com cobrança de ingressos populares, teatro à meninada. Tanto que, a pedidos, uma nova sessão da peça foi agendada para o domingo seguinte, 12 de março de 1939, contando com mais um ato variado com números do ator paulista Joca Silva, sapateador, parodista cômico e imitador de animais; estreia das Irmãs Oliveira (Luisa, Amparo e Theresinha) cantando; e um “sketch” final concluído com a marcha carnavalesca *O Gordo e o Magro*, sucesso do período. Na ocasião, a Fábrica Pilar distribuiu 600 caixas de biscoito à plateia.

Só a título de curiosidade, o filme *Branca de Neve e os Sete Anões*, 1º longa metragem de animação dos estúdios Disney, lançado em 1937 nos Estados Unidos, chegou ao Recife em outubro

Branca de Neve
e os 7 Anões



de 1938, com temporada de sucesso primeiramente no Cine-Theatro do Parque e, em seguida, no Cine-Moderno. A receptividade foi tamanha no Brasil que o filme ganhou versão radiofônica pelas mãos do escritor e dramaturgo Raymundo Magalhães Jr., com os mesmos diálogos e músicas da obra cinematográfica, transformando-se num grande sucesso do radiotheatro no Rio de Janeiro, com repercussão no país inteiro. Oduvaldo Cozzi assinava a direção. Esta versão para o rádio foi veiculada pela 1ª vez no Recife no dia 20 de outubro de 1938, pela Rádio Clube de Pernambuco, a P.R.A.-8, das 19 às 20 horas, com patrocínio dos produtos Peixe em "programma dedicado às creanças (sic) do Brasil".

Importante citar que, naquele início do ano de 1939, antes da sessão da peça *Branca de Neve e os 7 Anões* pelo Gremio Scenico Espinheirense, na tarde de 29 de janeiro, às 15 horas, o mesmo palco do Teatro de Santa Isabel recebeu uma versão de *A Gata Borralheira*, provavelmente um balé divulgado erroneamente nos jornais como "peça" e "representação teatral". A montagem integrou um festival em benefício das obras da Capella de Santa Thezinha, localizada no Derby, com desempenho de dezenas de alunas de Miss Betsy Gatis, conhecida professora de danças clássicas em atividade no Recife pelo menos desde 1934. Ainda naquele começo do ano, uma outra casa de espetáculos também vinha recebendo o

público mirim, o Cine-Encruzilhada, por conta da temporada de *Ratinho e Sua Companhia de Revistas, Burletas e Sainetes do Rio de Janeiro*.

Lá, além de peças impróprias para menores de quatorze anos, apresentadas todas as noites, eram programadas vesperais das moças em qualquer dia da semana, às 15 horas, quando "creanças de 5 annos em deante" podiam assistir a produções como *Flor de Manacá*, "optima burleta regional", seguida de "um colossal acto variado! Tarde de allegria! Música e arte!"; ou *Rancho da Serra*, outra burleta regional, tendo na sequência "1 acto variado – Canto! Anedotas etc.", como diziam os anúncios da época. No final do mês de janeiro de 1939 é a Genésio Arruda e Sua Cia. de Disparates Cômicos quem ocupa o Cine-Encruzilhada, com sessões diárias. A "temporada de riso e arte" incluía, além dos espetáculos adultos noturnos, vesperais e *matinéés* com ingressos mais baratos às crianças, com destaque no elenco para uma artista mirim a despertar a admiração de muitos.

Era a garotinha prodígio Wally, "original estrella theatral de 5 annos de idade que dança, canta e sapateia com arte e perfeição", divulgada como "a Shirley Temple brasileira", em referência à atriz mirim dos Estados Unidos, estrela de vários filmes. As apresentações desta sua versão brasileira eram acompanhadas de *Argus e Seus Bonecos* e de "disparates cômicos" interpreta-

dos por Genésio Arruda, conhecido como “a gargalhada em pessoa”, e seus artistas. Entre estes trabalhos voltados a todas as idades, *O Domador de Onça*, *A Anastácia* e *Os Fugitivos do Cemitério do Aracá*, quase sempre com “distribuição de bombons à gurizada”.

Ainda naquele ano, vale registrar que no dia 14 de janeiro foi inaugurado o Jardim Zoo-Botânico de Dois Irmãos e que a Festa da Mocidade promovida pela Casa do Estudante de Pernambuco tinha como uma de suas atrações o Parque de Diversões Imperial, instalado na praça da Faculdade de Direito do Recife. Mas, independente destas outras opções de diversão, as matinais dominicais específicas para as crianças foram um sucesso e abriram novas perspectivas para o Grupo Gente Nossa, que enfrentou tremenda crise em 1938 com o Teatro de Santa Isabel entregue sucessivamente a companhias visitantes e elenco dispersado por um tempo, além da doença de Samuel Campelo, que o levou à morte. Pesquisadores como Joel Pontes (*O Teatro Moderno em Pernambuco*, 1966, p. 28), Alexandre Figueirôa (*O Teatro em Pernambuco*, 2003, p. 45) e Ana Carolina Miranda (*O Grupo Gente Nossa e o Movimento Teatral no Recife (1931-1939)*, 2009, p. 157) referendam que quem o atacou mais profundamente foi a proibição, pela censura estadual, de sua peça *S.O.S.*, que seria apresentada no Recife pela Companhia Renato Vianna, do Rio de Janeiro.

Desde o seu lançamento em 2 de agosto de 1931, o Grupo Gente Nossa vinha conseguindo manter programação intensa para adultos. Por semana, eram muitas as sessões de espetáculos, seja no Teatro de Santa Isabel ou nos cineteatros dos subúrbios, como o Cine-Teatro Olinda do Feitosa, no bairro de Campo Grande; Cine-Eldorado, no Largo da Paz; o já citado Cine-Encruzilhada, no bairro de mesmo nome; ou Cine-Torre, também no bairro homônimo, entre outros, com revezamento constante de monta-

gens em estreia. Isto sem contar as excursões a outras cidades e estados.

Em 1939, por conta do incentivo público e com Valdemar de Oliveira na administração do grupo, a agenda lotada voltou a acontecer. Tanto que no sábado anterior a 2ª Grande Matinal Infantil, por exemplo, os atores Elpídio Câmara, Luís Carneiro, Oswaldo Barreto, Alfredo de Oliveira, Barreto Júnior, Luiza de Oliveira, Lourdes Monteiro, Alzira de Oliveira e Gina de Almeida estrearam a comédia adulta *O Hóspede do Quarto nº 2*, de Armando Gonzaga, solenizando a passagem do 60º dia de falecimento de Samuel Campelo com uma obra “escrita com a só preocupação de fazer rir”, como lembrou o *Jornal do Comercio* (12 de março de 1939), peça escolhida talvez para diminuir a lembrança de sua enorme ausência. Após a matinal infantil do domingo, no Teatro de Santa Isabel, a peça foi rerepresentada em vespéral às 15 horas e, na segunda-feira, em sessão gratuita para operários do Centro Educativo Operário de Afogados, algo que passou a acontecer frequentemente em atenção às camadas mais populares e como contrapartida ao financiamento do poder público.

Samuel Campelo



Paralelo às tantas produções para adultos e após a certeza de resposta positiva do público com a peça *Branca de Neve e os 7 Anões*, pelo convidado Gremio Scenico Espinheirense, Valdemar de Oliveira decidiu reunir crianças filhos de pessoas da melhor sociedade do Recife num elenco próprio, incluindo seus dois rebentos, Reinaldo e Fernando de Oliveira, respectivamente com nove e dez anos naquele período, para participar de peças que se caracterizaram pelo seu cunho instrutivo e educativo. Lançou, então, o Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa, departamento autônomo com a intenção de promover projeto teatral voltado especificamente à criança, fomentando, inclusive, a dramaturgia neste segmento. Quis provar que a meninada, além de artista, poderia ser um público certo, com programação e horário específicos numa sequência de “matinais” aos domingos na mais importante casa de espetáculos do Recife. Suas intenções de “formação”, inclusive de público futuro, eram nítidas.

No seu livro de memórias *Mundo Submerso* (1985, p. 139), ele revela:

(Teatro) Para crianças – e por crianças, porque sua meta não seria divertir, mas, instruir, sem que elas desconfiassem disso. Planejei aproveitar vocações existentes nos meios escolares, fazê-las interessar-se pelo teatro, ensiná-las a falar, a andar, a cantar, a dançar, a portar-se e comportar-se. Mais dez ou quinze anos, esperava eu, essa miuçalha viria a constituir numeroso público teatral e, o que é mais significativo, reforçaria os quadros amadoristas da cidade, como de fato sucedeu, para exemplificar, com um José Maria Marques, uma Janice Cantinho Lobo, um Reinaldo de Oliveira, que vieram a integrar-se no elenco do Teatro de Amadores de Pernambuco. (...) Hoje, há médicos, advogados, engenheiros, donas de casa, viú-



vas, vovôs e vovós, que não esquecem, tenho certeza, o Teatro Infantil, com que criamos a plateia de vinte anos mais.

O lançamento do Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa aconteceu na 3ª Grande Matinal Infantil, dividida em duas partes, no domingo 19 de março de 1939. Inicialmente, foram vistas três peças curtas no desempenho da meninada: *Com a Rainha é Assim...*, *O Valente* e *o Intelligente* e *Prisioneiro de Guerra*, de autoria de Joracy Camargo e Henrique Pongetti. Finalizou o programa, a revista *A Hora do Calouro*, de José Capibaribe, pseudônimo do próprio Valdemar de Oliveira, criado anos antes para assinar a revista *Sai, Cartola*, além de marchinhas populares como *Sá Zeferina Está de Volta* e *Ai, Que Ele é do Mato*. Na última parte da apresentação, a cantora adolescente Maria Celeste estreou interpretando sambas. Nos intervalos, houve números variados com Paulo Bezerra, outro cantor adolescente. Mas as expectativas daquele domingo já estavam, de fato, voltadas para a próxima Grande Matinal Infantil, que marcaria o



A Princesa Rosalinda

lançamento de *A Princesa Rosalinda*, 1ª opereta infantil escrita e musicada por Valdemar de Oliveira para e com crianças.

Durante toda aquela semana, a publicidade nos jornais alardeou: “Montagem em 2 atos e 7 quadros de Valdemar de Oliveira. Guarda roupa luxuoso. Lindos bailados. Números de música e de baile. Inteiramente interpretada por crianças” (saliento que havia uma atriz adulta no papel da Avozinha, Lourdes Monteiro, atriz do Grupo Gente Nossa desde a sua fundação em 1931, esposa do ator e diretor Elpídio Câmara). Com diversos cenários – os clássicos telões pintados da época – assinados por Mário Nunes e música e direção de Valdemar de Oliveira, tendo como colaboradoras as senhoras Maria Elisa Viegas de Medeiros, Labis Villaça e Dagmar Beltrão, com o próprio autor regendo os músicos no fosso do Teatro de Santa Isabel, a opereta infantil *A Princesa Rosalinda* estreou como superprodução na matinal do domingo 26 de março de 1939. O enredo começa com uma avozinha contando aos seus três netos a história da protagonista, que acaba desenvolvendo-se no palco com diversas outras personagens.

A trama faz uma louvação à fantasia e, principalmente, aos “bons costumes”: num reino distante, a princesa Rosalinda vivia só e muito triste. Ao ceder uma esmola para uma mendiga, sem

saber que se trata de uma fada disfarçada, esta lhe revela que existe um príncipe adormecido há anos numa rosa do jardim real. Desencantado pela fada, o Príncipe Walter apaixonou-se pela princesa e pede a mão da jovem ao rei. Como há diversos outros pretendentes, o soberano decide que sua filha se casará com aquele que praticar a mais bela ação dentro do mínimo possível de tempo. O príncipe ganha a competição ao revelar que transformara em moedas o seu palácio para espalhá-las entre o povo. “Pobre ficará, mas de coração satisfeito”, diz o rapaz. O romance, então, termina bem, ao som de mais uma canção em meio a “bailados”: “Rosalinda! Feliz tu hás de ser! Rosalinda! Rosalinda! Rosalinda!”. No enredo, note-se a importância dada às boas ações, como mais um aprendizado à criançada.

A cantora Maria Celeste apresentou-se no intervalo e houve distribuição gratuita de 720 latinhas de goiabada Peixe à plateia, oferta da firma Carlos de Britto & Cia. **No elenco, Lourdes Monteiro (Avozinha), Reinaldo de Oliveira, Fernando de Oliveira, Valdemar Rodrigues Filho (1º, 2º e 3º Menino), Anita Dimenstein (Princesa Rosalinda), Maria Auxiliadora Medeiros, Edmilda Lopes, Leonorzinha Vasconcelos, Ivanda Oliveira (1ª, 2ª, 3ª e 4ª Dama), Zenilda Vilaça (Fada), Lenira Vilaça (Juanito, personagem cômico que fez muito sucesso, filho adotivo do rei e um co-**



A Princesa Rosalinda

milão inveterado); Walter Dimenstein (Príncipe Walter), José de Aguiar (1º Ministro), Geraldo Vilaça, Edmir Lopes (1º e 2º Oficial), Paulo Bezerra (Tenente Paulo), Ranuzia Cordeiro Azevêdo, Norma Beltrão Xavier, Maria de Lourdes Beltrão, Marinete Morais (Borboletas), Maria Lia Farias (Dançarina) e Rodolfo Carvalho (Rei). Este último, com doze anos na época e já reconhecido como um garoto-prodígio das artes, adulto se tornaria nacionalmente conhecido como Carvalhinho, ator e humorista do teatro, do cinema e da televisão.

Permanecendo em cartaz aos domingos, por mais de um mês, algo raro para a época, devido ao sucesso de público (excetuando no dia 23 de abril, quando *Branca de Neve e os 7 Anões* foi rerepresentada), a despedida da temporada aconteceu em 7 de maio de 1939, dividindo a cena com um ato variado formado pela peça curta *Com a Rainha é Assim...*, tendo a menina Lenira Vilaça no papel título, além de números com a dupla Ferreira Castro e o cômico Picolino, do elenco do Circo Nerino. Latinhas do Doce Leão foram distribuídas ao público pela empresa Amorim, Costa & Cia. O mais curioso nesta última sessão foi um anúncio que surgiu no *Diário de Pernambuco* (7 de maio

de 1939): “De acordo com a determinação do juiz de Menores, somente poderão ter ingresso crianças maiores de 4 anos”. Esta novidade é intrigante, já que nos jornais da época não se encontra qualquer justificativa para tal proibição, mas, pode-se deduzir que o choro dos menores de cinco anos tenha incomodado o público presente nas sessões anteriores.

O estranho é saber que um juiz tomou a iniciativa do veto à entrada dos pequeninos no teatro, algo que continuará a acontecer na programação matinal seguinte, com a estreia da nova produção do Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa, *O Pequeno Polegar*. Mas antes de tratar desta peça, vale citar as impressões de um repórter do jornal *Folha da Manhã* (24 de abril de 1939) ao assistir a reapresentação de *Branca de Neve e os 7 Anões* e relatar curiosidades sobre a plateia:

Para a matinal infantil de ontem, no Santa Isabel, estava anunciado – *Branca de Neve e os Sete Anões*, de autoria do escriptor allemão Grimm e adaptado ao teatro pelo dr. Coêlho de Almeida. Duas vezes fôra levada a peça no mesmo teatro e o Grupo Scenico Espinheirense já o (sic) encenara duas vezes também. Não obstante isso as poltronas e demais localidades do teatro da praça da Republica, estavam totalmente ocupadas. Os cinemas também já se haviam encarregado de levar um film de Walt Disney sobre o mesmo motivo. Vale reproduzir flagrantes obtidos pela reportagem desta folha no velho teatro para dar aos leitores uma idéa (sic) da victoria que já conseguiu entre nós o teatro infantil. (...) São centenas de garotos que procuram logares e se comprimmem junto á bilheteria para aquisição de ingressos. Ha uma particularidade nesse ponto: antigamente cabia aos paes

o serviço da compra de ingressos mas hoje são os filhos que se encarregam de fazel-o (sic). A' entrada está um funcionario do Santa Isabel encarregado da distribuição de bombons ás creanças. Não tem mãos a medir. Um a um os meninos recebem o seu pacote de balas ou a latinha de doce e vae para o seu logar. A maior ambição da creançada é pelos assentos da primeira fila. (...) Com as primeiras badaladas das 10 horas tem inicio o espectáculo. A ansiedade de todas as matinaes. Não são raras estas expressões entre a meninada: "A tua irmã vae trabalhar hoje?", "Aquelle de calça comprida é Zezinho? – Como está diferente...", "Paulo fica bem com roupa de gente grande" e outras phrases semelhantes. A maior ansiedade depois é para que termine o acto para bater as palmas. Ha creanças que se comprazem com as palmas e chegada a vez não perdem a oportunidade para prolongal-as (sic). Durante a representação algumas creanças se comportam caladas, umas com as mãos seguras ao queixo, outras com o corpo inclinado para a frente demonstrando grande interesse pela peça. Ha as que commentam, que pedem impressões dos companheiros. Em geral as meninas de 10, 12 e 14 annos já se externam sobre toilette, criticam gestos e emittem opiniões sobre a maquillage da princeza que foi exaggerada ou está com defeito na pronuncia. (...) Alguns que haviam assistido a peça se compraziam em dizer aos companheiros o que ia succeder no segundo acto. Houve um aparte na creançada que valeu por todo o espectáculo: quando a bruxa se aproximou de Branca de Neve offerecendo-lhe a maçã uma creança do meio da platéa gritou: "Não queira porque está envenenada...".

A Princesa Rosalinda



Dividida em 2 atos e 8 quadros, a "fantasia musical" *O Pequeno Polegar*, adaptação de Coelho de Almeida a partir do conto de Perrault, com música de João Valença, estreou a 14 de maio de 1939, ocupando o Teatro de Santa Isabel por duas manhãs dominicais. No palco, além de quinze crianças e adolescentes, a participação do ator adulto Gerson Vieira, do Grupo Gente Nossa (em entrevista realizada no dia 20 de abril de 2011, Reinaldo de Oliveira, que também integrou aquele elenco, lembrou que Gerson Vieira era o diretor artístico da montagem, mas não há qualquer referência a isto nem no programa da peça nem nos jornais, sem, no entanto, revelar quem assumiu tal função). Lenira Vilaça, a mesma que interpretou Juanito n'A *Princesa Rosalinda*, viveu a personagem principal, Polegar, mas não era a única garota a interpretar papel masculino. Ainda no elenco, Rodolfo Carvalho (Tomaz, o Lenhador), Edmilda Lopes (Teresa, sua Mulher), José de Aguiar (Pedrinho), Reinaldo de Oliveira (Mário), Amparo Oliveira (Joãozinho), Valdemar Rodrigues Filho (Luís), Teresa de Oliveira (Gastão), Sunia Campelo (Paulo), Maria Celeste (Marta, a Mulher do Gigante), Paulo Bezerra (Rei Eduardo), Cloris Passos (Rainha), Antônia Oliveira, Edmir Lopes (Guardas Reais) e Aluísio Magalhães (1º Ministro), além de Gerson Vieira (Gigante Papão).



A Princesa Rosalinda



O libreto da peça é um tanto cruel: por conta de uma grande seca que a tudo arrasou, um casal de lenhadores decide largar os sete filhos na floresta, na esperança de serem adotados por outros lenhadores. Ouvindo a conversa dos pais, Polegar, o mais jovem de todos, traça um plano e espera que durmam para apanhar um punhado de pedrinhas do lado de fora da casa. Na manhã seguinte, como decidido, o pai abandona os sete filhos na floresta, mas o zombeteiro Polegar consegue trazê-los de volta, já que marcou o caminho com a ajuda das pedrinhas. Chegam exatamente a tempo de ouvir as lamentações da mãe, após faltar-se numa grande refeição conseguida graças a uma dívida paga ao seu marido. Os meninos, então, invadem a casa para alegria dos pais, mas enquanto nararam o acontecido, o Polegar devora as sobras do jantar. No dia seguinte, ainda pela perspectiva de pobreza, o lenhador abandona novamente seus rebentos na floresta.

Desta vez, o Polegar não consegue voltar com seus irmãos porque, ao invés de pedrinhas, só conseguiu trazer um pão e os pássaros comeram todos os pedacinhos lançados ao chão. Do alto de uma árvore, ele descobre uma casa ao longe, sem saber que lá mora o Gigante Papão

e sua esposa. Esta os acolhe e lhes dá alimento, mas o Gigante quer mesmo é devorá-los. No entanto, Polegar, bastante esperto, além de conseguir salvar a todos, ainda rouba suas Botas de 7 Léguas. Em terras do Rei Eduardo, o pequenino conquista não só as graças do soberano como até ganha um cargo de conselheiro real. A trama termina feliz com os meninos confraternizando-se não somente com os pais, mas com a mulher do Gigante, que os havia ajudado a fugir. O grandão ainda consegue ser perdoado. "E a felicidade chega para todos", finaliza o programa. A presença de crianças menores de quatro anos na plateia continuou a ser proibida por determinação judicial.

No dia 18 de maio de 1939, excepcionalmente numa quinta-feira, *A Princesa Rosalinda* voltou ao palco do Teatro de Santa Isabel, às 10 horas, para realizar um festival em benefício da Matriz de São José, ou seja, com renda revertida para esta instituição, totalizando sete apresentações. Já *O Pequeno Polegar* fez sua 2ª e última apresentação na matinal de 21 de maio, mesmo dia em que o núcleo adulto do Grupo Gente Nossa apresentou, na vespéral das 15 horas, a opereta *Bobby e Bobette*, de Valdemar de Oliveira, original de 1935, tendo

Alfredo de Oliveira e Luiza de Oliveira como protagonistas. A partir daí, o Teatro de Santa Isabel passou a ser ocupado pela Companhia de Comédia Palmeirim-Cecy, dos artistas empresários Palmeirim Silva e Cecy Medina, que retornou a Pernambuco a bordo do navio *Nep-tunio do Sul* para temporada de 21 espetáculos adultos, durante um mês, com seis peças de autores nacionais e quinze de estrangeiros. A estreia aconteceu em 28 de maio de 1939, domingo, com a comédia *Vou Entrar na Família*, texto alemão com tradução de Matheus da Fontoura. Esta vinda ao Recife, segundo a imprensa, foi um fracasso financeiro.

A permanência de companhias de fora por semanas era bem frequente no Teatro de Santa Isabel, o que gerava desconforto com as produções locais, isto sem contar com os diversos concertos musicais que lá aconteciam e até mesmo formaturas colegiais, entre outras atividades. A cada final de ano, por exemplo, diversos educandários promoviam festas de encerramento do ano letivo naquele palco, com um programa variado que reunia números de canto, piano, cenas teatrais e etc. Esta situação de pauta disputadíssima vai perdurar por décadas, com reclamações constantes dos artistas e da imprensa. Sem acesso aos domingos no Teatro de Santa Isabel, Valdemar de Oliveira desistiu de promover as matinais dominicais, muito provavelmente também pela constante programação adulta que o Grupo Gente Nossa mantinha, com viagens programadas e um segundo elenco a ficar no Recife, com sessões nos cineteatros dos subúrbios. Mas não morreu o seu sonho de um teatro direcionado à infância.

Para se ter ideia da intensa atividade do Grupo Gente Nossa, mesmo sem seu palco principal, logo no dia 31 de maio de 1939, uma quarta-feira, os pernambucanos retornaram à cena com *Um Rapaz de Posição*, no Cine-Torre. Na quinta-feira, 1 de junho, apresentaram *Cala a*

Bocca, Etelvina!, no Cine-Eldorado. No domingo, 4 de junho, no Cine-Encruzilhada, foi a vez de *O Hóspede do Quarto nº 2*. E na terça, dia 6, *Onde Estás, Felicidade?*. Após isso, parte da equipe seguiu para temporada de comédias no Theatro José de Alencar, em Fortaleza, com deztoito integrantes. Somente no dia 23 de julho de 1939, o Grupo Gente Nossa promoveu mais uma matinal, às 10 horas, no Teatro de Santa Isabel, ainda que não conste na imprensa nenhuma citação ao seu Teatro Infantil. Naquele domingo, registrou o *Diário de Pernambuco* (19 de julho de 1939), foi apresentado “um movimentado programma organizado pelo Gymnasio Vera-Cruz (...) a cargo de alumnos daquelle educandário”, com “numeros de canto, bailados, scenas comicas, duetos, etc.” e participação dos artistas cômicos Picolino, Bozano e Fernandes, do elenco do Circo Nerino. Na vespéral, às 15 horas, reapresentação da comédia adulta *Frederico II*, original em três atos de Eurico Silva.

A 2 de agosto de 1939, o Grupo Gente Nossa estreou *Mocambo*, um de seus maiores sucessos naquele ano, lançado em data de seu 8º aniversário. Voltada para adultos, a obra de Valdemar de Oliveira e Filgueira Filho foi concebida em homenagem a Liga Social Contra o Mocambo, campanha do Governo de Pernambuco criada pelo interventor Agamemnon Magalhães no combate à habitação insalubre. Divulgada como “a peça da atualidade”, fez tanto sucesso que chegou a cumprir duas sessões num único dia (algo lançado no Recife naquele ano, durante temporada no Teatro de Santa Isabel da Companhia de Revistas do Theatro Recreio do Rio). Naquela que seria sua última apresentação, na terça-feira, 15 de agosto, em vespéral às 15 horas e comemorando um público de mais de 14 mil pessoas, um anúncio no *Diário de Pernambuco* (13 de agosto de 1939) deixou claro que a meninada também se fazia presente: “Haverá distribuição de massas e bis-

coitos Aimoré às senhoras e às crianças". Posteriormente, *Mocambo* voltou a ser apresentada em outros teatros e cidades, inclusive no ano seguinte, sob o título "a peça mais discutida dos últimos anos", chegando a 49 representações.

Em setembro de 1939 quem fez sucesso entre a criançada do Recife foi o campeão norte americano de atletismo Tarzan Moderno, que cumpriu temporada de "Grandes Matinais Infantis" às 10 horas, no Theatro Moderno, com "numerosos jogos sportivos", conforme o *Diario de Pernambuco* (23 de setembro de 1939). Na sequência às suas apresentações, sempre era exibido um filme, como, por exemplo, *Espantelho, Espantado*, comédia dos 3 Patetas. Um fato curioso é que, provavelmente por conta da boa repercussão dos espetáculos voltados para a infância no Teatro de Santa Isabel, iniciativa que atraiu famílias inteiras ao lazer teatral naquele 1º semestre do ano, algumas companhias e "troupe" visitantes passaram a inserir no seu repertório produções voltadas a um público mais abrangente, dos adultos às crianças, algo que perdurou somente por aquele ano, já que a Guerra diminuiu bastante as turnês pelo Brasil, em época que a navegação era o transporte mais utilizado.

Foi o caso da Companhia de Revistas do Theatro Recreio do Rio, que apresentou no Recife uma "peça rigorosamente familiar", *Cabeça de*

Porco, objetivando o público infantil também, além de *O Gury*, "peça para as famílias pernambucanas", burleta de Freire Júnior e J. Ayberé, inspirada nos argumentos das "fitas" de Shirley Temple, com o "notável desempenho da garota prodígio Isa Rodrigues e o engraçadíssimo Oscarito", conforme anúncio no *Diario de Pernambuco* (27 de outubro de 1939). Curiosamente foi vista em duas sessões noturnas, num sábado, às 19 e 21 horas, com "matinée chic" no domingo, às 14 horas. Entre as "troupe" visitantes (aquelas que investiam em repertório mais popular e cômico), a Grande Companhia de Revistas e Sainetes Tatusinho, também do Rio de Janeiro, dirigida por Di Chocolate, trouxe à capital pernambucana o sainete em 2 atos *A Derrota do Campeão*, de Antonio Sampaio, em grandiosa *matinée* às 15 horas, numa quinta-feira, no Cine-Encruzilhada. Na sua divulgação constava: "Esta peça é de fazer rir de inicio ao fim, e deve ser assistida por toda guryzada".

Da produção local, ainda em 1939, surgiu um outro destaque cênico voltado a todas as idades: *O Sonho de Yara*, da Escola Normal Pinto Júnior. Provavelmente seguindo os passos do amigo Valdemar de Oliveira, o professor e dramaturgo Cândido Duarte, com longa carreira no Recife e diretor daquela instituição, escreveu e dirigiu esta revista cívico-escolar "de fundo moral, christão,



O Sonho de Yara

educativo”, segundo o *Jornal do Commercio* (17 de setembro de 1939), cuja estreia aconteceu a 10 de novembro, no Teatro de Santa Isabel, após vários adiamentos. No elenco, 40 alunas normalistas, todas estreantes de palco. Os “bailados” eram criações de Maria Orlando Andrade Bezerra; a música, executada por uma orquestra, do professor e maestro Carlos Diniz; os cenários de Balthazar da Câmara e Mário Nunes; e o luxuoso guarda-roupa confeccionado “pelas famílias das alumnas que tomam parte no desempenho da peça”, segundo aquele mesmo jornal. Toda a renda foi em benefício da Sociedade Propagadora de Instrução Pública, mantenedora da Escola Normal Pinto Júnior.

Com cânticos e “bailados”, o prólogo se passava num trecho da floresta amazônica, quando a índia Yara sonha com “um Brasil imenso, poderoso e feliz. Viu-o guiado pela Cruz, transformar-se em um país civilizado, culto, cristão; crescer e progredir, dando ao mundo as mais bellas lições de patriotismo e fé, civismo e bravura”, como registrado ainda naquele mesmo *Jornal do Commercio*. Com a chegada da personagem História, esta lhe fala:

(...) nas lendas e dansas do Amazonas, nas canções do Danubio, na vida dos gregos e no culto que elles tinham á dansa e á belleza, nas glorias de Portugal; diz-lhe como o Brasil será desvendado ao mundo pelos portugueses e ainda como caminhará através dos sonhos sob a protecção dos céus e da Cruz.

A partir daí, a montagem desenvolve-se em mais dois atos. O 1º, acontecendo no Rio de Janeiro e na Bahia, em épocas diversas, e o segundo no Recife, “com scenas de grande effeito, em que a revista focaliza os mais variados aspectos de nossa vida social, sendo também homenageadas as industrias do Estado”, reforçou outra edição do *Jornal do Commercio* (20 de agosto de 1939). Os

papeis principais de Yara e História foram confiados, respectivamente, às alunas Maria José Sarianho e Nilza Pires. Em novo número, o *Jornal do Commercio* (3 de dezembro de 1939) saudou o trabalho como um “teatro sadio, (...) de grandeza patriótica, de nobreza christã”. A pedidos do público, a montagem foi reapresentada, totalizando três récitas no Teatro de Santa Isabel em 1939.

De acordo com a retrospectiva teatral que fez do ano, o *Jornal do Commercio* (14 de janeiro de 1940) esclarece que foram realizados três outros espetáculos infantis naquele mesmo palco, sendo dois pelo Gymnasio Vera Cruz e um pelo Instituto Recife (com números variados em sequência); uma matinal infantil avulsa no Dia da Criança, sem referência a quem a promoveu (provavelmente também com atrações variadas); além do melodrama *Presépio*, dirigido pelos Irmãos Valença (João e Raul Valença) e organizado pela Directoria de Reeducação Social, com três exibições no Collegio Nobrega. Já o Grupo Gente Nossa, sem contar as excursões promovidas naquele ano para Fortaleza, João Pessoa, Caruaru e Goiana, realizou um total de 222 espetáculos somente no Recife e em Olinda. “Destes, 14 foram sacros, 24 foram especialmente dedicados aos operários e 13 á petizada”, registrou o jornal. E foi essa a atenção dada à infância em 1939, ano que finalmente abriu as portas para o segmento teatral direcionado a este público no Recife.

Raul Valença

